REVISTA AC
Publicação científica

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

APRENDIZAGEM COLABORATIVA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA EDUCATIVA

COLLABORATIVE LEARNING: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE AND THE CHALLENGES OF EDUCATIONAL PRACTICE

DOI: 10.5281/zenodo.23776069

Aziel Barcelo da Silveira[1]

Resumo

A aprendizagem colaborativa constitui uma abordagem educacional que valoriza a interação social, o diálogo e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de informações e pela expansão das tecnologias digitais, compreender as possibilidades dessa abordagem torna-se relevante para repensar as práticas pedagógicas e fortalecer os processos de ensino e aprendizagem. Este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos da aprendizagem colaborativa, destacando o papel das interações sociais, da mediação docente e das tecnologias digitais, bem como os desafios relacionados à sua implementação no contexto educacional. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico, fundamentada em contribuições teóricas sobre aprendizagem, desenvolvimento cognitivo, educação dialógica e trabalho coletivo. A análise evidencia que a colaboração não se limita à realização de atividades em grupo, pois pressupõe objetivos compartilhados, participação efetiva, responsabilidade individual e construção conjunta de significados. Verifica-se, ainda, que o professor exerce função essencial na organização das experiências colaborativas, na mediação dos conflitos e no acompanhamento das aprendizagens. Conclui-se que a aprendizagem colaborativa pode contribuir para uma educação mais participativa, crítica e humanizada, desde que seja planejada intencionalmente e acompanhada de condições pedagógicas adequadas.

Palavras-chave: Aprendizagem colaborativa. Interação social. Mediação pedagógica. Tecnologias digitais. Construção do conhecimento.

[1]Licenciado em Filosofia, História, Geografia e Ciências Sociais. Especialista em Filosofia Política, História do Brasil, Antropologia e Políticas Públicas. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: azielbarcelo@gmail.com

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Abstract

Collaborative learning is an educational approach that values social interaction, dialogue, and students' active participation in knowledge construction. In a society characterized by the rapid circulation of information and the expansion of digital technologies, understanding the possibilities of this approach is relevant to rethinking pedagogical practices and strengthening teaching and learning processes. This article aims to analyze the foundations of collaborative learning, highlighting the role of social interactions, teacher mediation, and digital technologies, as well as the challenges associated with its implementation in educational contexts. To achieve this objective, a qualitative bibliographic study with an analytical approach was conducted, drawing on theoretical contributions concerning learning, cognitive development, dialogical education, and collective work. The analysis indicates that collaboration is not limited to completing group activities, since it requires shared goals, meaningful participation, individual responsibility, and the joint construction of meaning. The findings also emphasize that teachers play an essential role in organizing collaborative experiences, mediating conflicts, and monitoring learning. It is concluded that collaborative learning can contribute to a more participatory, critical, and human-centered education, provided that it is intentionally planned and supported by appropriate pedagogical conditions.

Keywords: Collaborative learning. Social interaction. Pedagogical mediation. Digital technologies. Knowledge construction.

1 Introdução

A educação contemporânea enfrenta o desafio de formar sujeitos capazes de compreender a realidade, analisar criticamente as informações e participar responsavelmente da vida social. Nesse contexto, a aprendizagem ultrapassa a transmissão de conteúdos, envolvendo a interpretação de experiências, o confronto de ideias e a construção de significados.

A aprendizagem colaborativa destaca-se por favorecer a construção social do conhecimento mediante a interação, o diálogo e o compartilhamento de responsabilidades. Essas práticas permitem aos estudantes confrontar perspectivas, rever interpretações e desenvolver competências sociais, comunicativas e reflexivas. Contudo, a realização de atividades em grupo não garante, por si só, uma aprendizagem significativa. A participação desigual, a divisão mecânica de tarefas e a ausência de mediação pedagógica podem comprometer os resultados educativos. Diante dessa questão, este estudo

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

busca compreender em que condições a aprendizagem colaborativa contribui para a construção do conhecimento e quais desafios podem limitar sua efetividade no processo educativo.

Com base nessa problemática, este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos da aprendizagem colaborativa, sua relação com a construção social do conhecimento, os papéis do professor e dos estudantes, as possibilidades das tecnologias digitais e os desafios de sua aplicação. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico, fundamentada em obras sobre desenvolvimento cognitivo, interação social, educação dialógica e aprendizagem coletiva. O artigo organiza-se em torno dos fundamentos da colaboração, dos papéis dos sujeitos envolvidos, das contribuições das tecnologias digitais e dos limites e possibilidades dessa abordagem para a formação humana.

2 Aprendizagem colaborativa e a construção social do conhecimento

A aprendizagem colaborativa compreende o conhecimento como uma construção desenvolvida por meio da interação, da investigação e do diálogo. Nessa perspectiva, o estudante assume uma posição ativa na elaboração de explicações, na resolução de problemas e na produção compartilhada de significados.

A diversidade de experiências e perspectivas permite que os participantes confrontem argumentos, reconheçam limites em suas interpretações e ampliem a compreensão dos conteúdos. A colaboração, portanto, preserva as contribuições individuais, articulando-as em torno de objetivos comuns.

Johnson e Johnson (2009), ao discutirem a interdependência social e a aprendizagem cooperativa, ressaltam a importância das relações entre os participantes para alcançar objetivos compartilhados. Essa perspectiva evidencia que o trabalho coletivo exige mais do que a divisão de tarefas: requer envolvimento mútuo e condições para que a aprendizagem individual contribua para o progresso do grupo.

Para isso, é necessária intencionalidade pedagógica, com objetivos claros, problemas relevantes e oportunidades efetivas de participação. Sem essas condições, a atividade em grupo pode se limitar à execução fragmentada de tarefas, sem diálogo consistente ou construção conjunta do conhecimento.

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

2.1 Interação social e desenvolvimento cognitivo

A relação entre interação social e aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Vygotsky (1978) destaca que as relações sociais, a linguagem e a mediação cultural contribuem para a formação das funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, o diálogo permite que os estudantes organizem o pensamento, compartilhem conhecimentos e ampliem a compreensão da realidade, evidenciando a importância das interações sociais no processo de aprendizagem.

Piaget (1970) enfatiza o papel ativo do sujeito na construção do conhecimento, destacando que o contato com diferentes perspectivas pode provocar questionamentos e favorecer a reorganização das estruturas cognitivas. Embora Vygotsky e Piaget compreendam a aprendizagem como um processo ativo, suas abordagens apresentam ênfases distintas: Vygotsky atribui destaque às relações sociais e à mediação cultural, enquanto Piaget enfatiza a atividade do sujeito na construção e reorganização do conhecimento. Essa distinção permite compreender que a aprendizagem envolve tanto a participação individual quanto a interação com outras pessoas.

Bruner (1996), por sua vez, ressalta a dimensão cultural da educação, compreendendo a aprendizagem como um processo de construção e compartilhamento de significados. Sua perspectiva aproxima-se das contribuições de Vygotsky ao valorizar a dimensão social e cultural da aprendizagem, acrescentando elementos para compreender como os estudantes elaboram interpretações e constroem conhecimentos por meio da participação em experiências compartilhadas.

Entretanto, a interação, por si só, não garante a aprendizagem. As contribuições desses autores permitem compreender a importância da atividade do estudante, das relações sociais e da construção de significados, mas sua aplicação educativa exige objetivos definidos, diálogo significativo e acompanhamento pedagógico. Quando orientadas adequadamente, as atividades coletivas favorecem a análise de argumentos, o esclarecimento de dúvidas e a construção de conhecimentos mais consistentes.

2.2 Cooperação, colaboração e diálogo

Os conceitos de cooperação e colaboração apresentam aproximações, mas não são necessariamente idênticos. Ambos valorizam a participação em atividades e objetivos comuns, porém a aprendizagem colaborativa enfatiza a construção compartilhada do conhecimento, o diálogo e a elaboração conjunta de soluções. Enquanto a cooperação pode envolver a distribuição de

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

responsabilidades, a colaboração exige a articulação das contribuições individuais e o envolvimento dos estudantes na construção coletiva do conhecimento.

A simples divisão de tarefas não garante uma experiência colaborativa, pois os estudantes podem realizar atividades isoladas sem compreender as contribuições dos colegas. Johnson e Johnson (2009) destacam a importância da interdependência positiva e da responsabilidade individual, demonstrando que o trabalho coletivo depende do compromisso de cada participante com os objetivos comuns. Freire (1996), por sua vez, valoriza o diálogo, a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes. Enquanto Johnson e Johnson contribuem para compreender a organização do trabalho coletivo, Freire enfatiza a dimensão crítica e formativa do diálogo, que permite questionar ideias e ampliar a compreensão dos conteúdos.

Desse modo, a aprendizagem colaborativa articula objetivos compartilhados, participação ativa, responsabilidade individual e diálogo. Sua efetividade não depende apenas da divisão de tarefas ou do resultado final, mas também da qualidade das interações e da reflexão desenvolvida pelos estudantes. Quando há respeito às diferentes perspectivas, argumentação fundamentada e integração das contribuições individuais, o trabalho coletivo favorece a compreensão dos problemas e a construção conjunta de soluções.

3 Papel do Professor e dos Estudantes

A aprendizagem colaborativa modifica a organização das relações pedagógicas sem eliminar a importância do professor. Ao contrário, exige uma atuação docente atenta ao planejamento, à mediação das interações e ao acompanhamento das aprendizagens. O estudante assume maior protagonismo, mas essa participação precisa ser orientada por objetivos educacionais e por condições que favoreçam o envolvimento de todos.

Nessa abordagem, a qualidade do trabalho coletivo depende da articulação entre a autonomia dos estudantes e a responsabilidade pedagógica do professor. A liberdade para investigar, argumentar e propor soluções não significa ausência de orientação. Significa criar situações em que os estudantes possam participar ativamente, ao mesmo tempo em que recebem apoio para aprofundar conhecimentos e desenvolver formas mais elaboradas de raciocínio.

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

3.1 Mediação pedagógica e participação ativa

O professor desempenha papel fundamental na criação de situações que favoreçam a aprendizagem colaborativa. Cabe-lhe selecionar problemas pertinentes, estabelecer objetivos, organizar os grupos, definir orientações e acompanhar o desenvolvimento das atividades. Sua atuação também envolve observar as interações, identificar dificuldades e intervir quando necessário para que o diálogo não seja substituído pela simples divisão de tarefas ou pela participação desigual.

A mediação pedagógica exige sensibilidade para reconhecer as necessidades dos estudantes e as características de cada contexto. Em determinadas situações, será necessário apresentar explicações conceituais; em outras, formular perguntas que provoquem reflexão ou incentivar os participantes a justificar suas respostas. A intervenção docente não deve retirar dos estudantes a oportunidade de pensar, mas oferecer apoio para que avancem na compreensão dos problemas.

Freire (1996) contribui para essa reflexão ao enfatizar a importância de uma prática educativa que respeite a autonomia dos educandos e reconheça o caráter formativo da participação. Nessa perspectiva, o professor não se limita a transmitir respostas prontas: organiza condições para que os estudantes desenvolvam curiosidade, capacidade crítica e responsabilidade diante do conhecimento.

A participação ativa também precisa ser compreendida em sua dimensão concreta. Não basta que os estudantes estejam presentes, ou seja, formalmente distribuídos em grupos. É necessário que tenham oportunidades reais de apresentar ideias, formular perguntas, ouvir os colegas e contribuir para as decisões coletivas. O professor deve observar se determinados participantes concentram as tarefas ou se outros permanecem à margem do processo.

Uma mediação adequada favorece o equilíbrio entre orientação e autonomia. Quando a intervenção docente é excessiva, pode limitar a iniciativa dos estudantes; quando é insuficiente, pode permitir que desigualdades de participação comprometam os objetivos da atividade. O desafio consiste em acompanhar o processo sem substituir a responsabilidade dos participantes, promovendo um ambiente de confiança, respeito e compromisso com a aprendizagem.

3.2 Responsabilidade individual e avaliação

Um dos desafios da aprendizagem colaborativa é garantir que o trabalho coletivo promova a aprendizagem de cada participante, pois um bom resultado final não significa que todos tenham

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

compreendido os conteúdos. Por isso, são essenciais a responsabilidade individual e o acompanhamento contínuo.

A definição de funções organiza as atividades, mas não deve impedir a integração dos conhecimentos. Johnson e Johnson (2009) destacam a importância da interdependência positiva e da responsabilização individual, articulando a cooperação entre os estudantes ao compromisso de cada um com a própria aprendizagem.

Nesse contexto, a avaliação deve considerar não apenas o produto final, mas também os argumentos, a participação, os conhecimentos mobilizados e a evolução individual. Registros reflexivos, apresentações e questionamentos individuais permitem identificar dificuldades e orientar intervenções pedagógicas.

Além disso, é importante avaliar a distribuição das responsabilidades, o respeito às opiniões, o diálogo e a resolução de divergências. Assim, a avaliação contempla tanto os conhecimentos construídos quanto a participação dos estudantes, evitando que os resultados coletivos ocultem desigualdades na aprendizagem.

4 Tecnologias digitais e práticas colaborativas

A expansão das tecnologias digitais ampliou as possibilidades de interação, comunicação e compartilhamento de informações nos ambientes educacionais. Plataformas virtuais, documentos compartilhados, fóruns de discussão e ferramentas de comunicação permitem que os estudantes desenvolvam atividades em conjunto, registrem contribuições e retomem discussões em diferentes momentos, favorecendo a continuidade do trabalho coletivo para além dos limites físicos e temporais da sala de aula.

Esses recursos também podem diversificar as formas de participação, oferecendo diferentes oportunidades para que os estudantes organizem e expressem suas ideias. Nesse sentido, Wenger (1998), ao discutir as comunidades de prática, destaca a relação entre aprendizagem, participação social e construção de significados compartilhados. Essa perspectiva permite compreender que, inclusive nos ambientes digitais, o conhecimento pode ser construído coletivamente por meio da troca de experiências, do compartilhamento de saberes e do envolvimento em objetivos comuns.

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Entretanto, a simples presença de recursos tecnológicos não garante a aprendizagem colaborativa. As plataformas podem ser utilizadas apenas para distribuir materiais ou receber tarefas individuais, sem promover o diálogo e a construção conjunta do conhecimento. Por isso, sua utilização exige planejamento pedagógico, clareza nos objetivos e escolha criteriosa das ferramentas, considerando a acessibilidade, a conectividade, a disponibilidade de equipamentos e as competências digitais dos estudantes.

Outro aspecto fundamental é a qualidade das informações compartilhadas. Embora as tecnologias facilitem o acesso a conteúdos e fontes de pesquisa, seu uso educativo exige capacidade de selecionar materiais confiáveis, verificar informações, comparar perspectivas e elaborar argumentos fundamentados. Assim, a colaboração não deve se limitar à circulação de conteúdos disponíveis na internet, mas envolver análise crítica, reflexão e produção própria de conhecimentos.

Desse modo, as tecnologias digitais devem ser compreendidas como recursos capazes de potencializar as práticas colaborativas, e não como soluções autossuficientes para os desafios educacionais. Sua contribuição depende da articulação entre objetivos de aprendizagem, mediação pedagógica, participação significativa dos estudantes e condições concretas de acesso e utilização, de modo que os recursos tecnológicos favoreçam efetivamente o diálogo, a cooperação e a construção compartilhada do conhecimento.

5 Limites e contribuições para a formação humana

A aprendizagem colaborativa apresenta desafios que precisam ser considerados no planejamento pedagógico, como a participação desigual, as dificuldades de comunicação, os conflitos interpessoais, a resistência a novas metodologias e o tempo necessário para desenvolver atividades coletivas. Essas dificuldades demonstram que a colaboração não ocorre espontaneamente pela simples organização dos estudantes em grupos, exigindo objetivos claros, responsabilidades definidas e acompanhamento contínuo do professor.

A participação desigual pode comprometer a aprendizagem individual e gerar sentimentos de injustiça, especialmente quando alguns estudantes assumem a maior parte das tarefas. Da mesma forma, divergências de opiniões e diferenças nos ritmos de trabalho podem provocar conflitos. Entretanto, quando mediados adequadamente, esses desafios podem favorecer o diálogo, a argumentação, a negociação e o respeito às diferentes perspectivas.

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Nesse contexto, a formação docente é fundamental para o planejamento, a mediação e a avaliação das atividades colaborativas. O professor precisa estimular a participação de todos, acompanhar as interações e avaliar tanto os resultados coletivos quanto a aprendizagem individual. Essas ações contribuem para tornar as experiências colaborativas mais organizadas, inclusivas e significativas.

Além dos aspectos metodológicos, a aprendizagem colaborativa contribui para a formação humana ao favorecer o desenvolvimento da cooperação, da empatia, da autonomia e da responsabilidade. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Freire (1996), que valoriza o diálogo, o respeito e a autonomia dos sujeitos no processo educativo, compreendendo a educação como uma prática que ultrapassa a transmissão de conteúdos e envolve a formação crítica e ética dos estudantes.

Portanto, a aprendizagem colaborativa pode articular a construção do conhecimento ao desenvolvimento de competências sociais, desde que seja desenvolvida com intencionalidade pedagógica e mediação adequada. Reconhecer seus limites e potencialidades permite compreender que o trabalho coletivo não garante, por si só, resultados positivos, mas pode constituir uma prática pedagógica consistente, crítica e inclusiva, comprometida tanto com a aprendizagem quanto com a formação integral dos estudantes.

6 Considerações finais

Este trabalho analisou os fundamentos da aprendizagem colaborativa, a construção social do conhecimento, os papéis de professores e estudantes, as contribuições das tecnologias digitais e os desafios de implementação no contexto educacional. A análise demonstrou que essa abordagem vai muito além da simples realização de atividades em grupo: exige objetivos compartilhados, participação efetiva, responsabilidade individual, diálogo contínuo e mediação pedagógica intencional. A colaboração se revela, portanto, um caminho que não ocorre espontaneamente, mas que se constrói com planejamento, clareza e acompanhamento permanente.

Conclui-se que a aprendizagem colaborativa favorece práticas educativas mais participativas, críticas e humanizadas, articulando a construção de saberes ao desenvolvimento de competências sociais essenciais à formação integral. Sua efetividade depende de condições adequadas, de avaliação que considere tanto o produto quanto o processo e do equilíbrio entre autonomia discente e orientação docente. Criar oportunidades para que os estudantes dialoguem, compartilhem responsabilidades e

v. [01] | n. [02] | p. [0374-0383] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

construam soluções em conjunto é, antes de tudo, fortalecer a educação como espaço de encontro, respeito e crescimento coletivo.

Referências

BRUNER, J. **The culture of education**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. An educational psychology success story: social interdependence theory and cooperative learning. **Educational Researcher**, v. 38, n. 5, p. 365-379, 2009. DOI: https://doi.org/10.3102/0013189X09339057.

PIAGET, J. **Science of education and the psychology of the child**. New York: Orion Press, 1970.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society**: the development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.